

## PERFORMANCES DE GÊNERO ENTRE JOVENS NO *ROLÊ*: UMA ABORDAGEM ETNOGRÁFICA EM FESTAS ELETROFUNK EM CHAPECÓ

Autora: Laís Griebeler Hendges<sup>1</sup>; Orientador: Ivan Paolo de Paris Fontanari<sup>2</sup>

Instituição de origem: Universidade Federal da Fronteira Sul, e-mail: lgriebelerh@gmail.com

### RESUMO

Esse trabalho<sup>3</sup> aborda sentidos e significados de performances de gênero em *rolês* eletrofunk entre jovens da periferia no município de Chapecó. *Rolê* é uma categoria nativa que se refere à um fenômeno de circulação de pessoas, que possibilita encontros de amigas/os, fazer amizades, trocas de informações, trocas de objetos, uso de substâncias lícitas e/ou ilícitas. Para as pessoas que frequentam as festas eletrofunk, *rolê* pode ser, também, circular de carro pela cidade durante à noite, parar em um, ou outro, lugar público, ou ir a um estabelecimento privado. Em vista disso, *rolê* é um fenômeno sociocultural que pode ser observado empiricamente. As festas eletrofunk são encontros entre pessoas, na maioria, jovens de 15 a 25 anos, que ocorrem em espaços abertos e/ou fechados, com ou sem alvará. As pessoas que vão às festas não necessariamente fazem parte da equipe de som. O público frequentador é de baixa renda, a maioria trabalha com atividades legais ou ilegais, outros estudam em escola pública e trabalham, ou só estudam em escola pública. A partir da inserção e das observações em campo, questões de gênero foram sendo evidenciadas. Na própria divulgação das festas e nos preços para a entrada há expectativas em relação às performances de gênero. Com isso, a temática escolhida se deu pela importância de interpelar performances de gênero no *rolê* eletrofunk pelas expressões culturais esboçadas através das músicas mais ouvidas – como Funk, eletrofunk, sertanejo universitário remixado – que tratam, principalmente, da sexualização do corpo feminino, a exemplo: “As novinha tão tarada, Olha

---

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Licenciatura em Ciências Sociais, na Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Chapecó. Bolsista voluntária do projeto de pesquisa “Modos Autônomos de Identificação Juvenil no Oeste Catarinense: uma abordagem antropológica e etnográfica”, aprovada pelo edital N° 07/2015 – FAPESC – Apoio aos Grupos de Pesquisa da UFFS.

<sup>2</sup> Professor de Antropologia no curso de licenciatura em Ciências Sociais da UFFS/Chapecó. Coordena o grupo de pesquisa Antropologia, Jovens e Juventudes. É mestre e doutor em Antropologia Social (2004; 2008) e bacharel em Ciências Sociais (2002) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Em 2006 realizou estágio de doutorado sandwich na Universidade da Califórnia, Los Angeles (UCLA). Contato: Ivan.fontanari@uffs.edu.com.

<sup>3</sup> Está aliado ao meu Trabalho de Conclusão de Curso e ao Projeto de Pesquisa “Modos Autônomos de Identificação Juvenil no Oeste Catarinense: uma abordagem antropológica e etnográfica”, financiado pela FAPESC – Edital 007/2015 –, vinculado ao Grupo de Pesquisa “Antropologia, Jovens e Juventudes”. (83) 3322.3222

que loucura, Só pra me seduzir, Desce tremendo com a bunda, Sobe tremendo com a bunda” (MC R1) –, das danças – em que frequentemente as meninas dançam e os meninos observam seus movimentos; os meninos costumam dançar quando estão interessados em uma menina –, das roupas – as meninas com cabelos compridos para baixo do ombro, vestindo calção short jeans ou calça jeans colada ao corpo, blusinha justa aparecendo, ou não, parte da barriga e tênis ou sapato/bota, por vezes, de salto alto. Os meninos tinham cabelos bem curtos, poucos tinham barba e os que tinham apararam-na bem rente a face, a combinação de roupas era tênis, calção surfista ou calça jeans e camiseta e/ou casaco/moletom, por vezes, bonés de aba reta – e dos carros – geralmente, com modificações na estrutura e pilotados por meninos –, que revelam práticas representativas do que é ser “mulher” e do que é ser “homem” para as pessoas que, de alguma forma, participaram e participam desta pesquisa. As informações contidas neste trabalho foram construídas por meio do método etnográfico, com observações, principalmente, em *rolês* eletrofunk com a escrita de diário de campo, entrevistas semiestruturadas e fotografias. O trabalho de campo iniciou no primeiro semestre de 2017 e será concluído no primeiro semestre de 2018. Foram observadas cinco festas, com um contingente de 40 pessoas em média. Foram realizadas três entrevistas, uma com um grupo de sete pessoas e as outras duas com uma pessoa. Deste modo, fundamentando-me nos conceitos de *performance* – em que as identidades são performativamente construídas “pelas [...] expressões tidas como seus resultados”, ou seja, “a construção não apenas ocorre no tempo, mas é, ela própria, um processo temporal que atua através da reiteração de normas” (BUTLER, p. 56; 163, 2017) –, de Judith Butler, e de *jogos sérios* – que envolvem relações de poder e “são, bem enfaticamente, formações culturais,” pressupondo atoras/es “culturalmente variáveis (e não universais) e subjetivamente” complexas/os” (ORTNER, 2007, p. 46-7) –, de Sherry Ortner, intentei (re)conhecer linguagens expressas corporalmente nesses *rolês*, que estão atreladas as relações cotidianas das/os colaboradoras/es da pesquisa. Nesses termos, fica a pergunta: que configurações de poder constroem as identidades de uma pessoa e da outra, a binariedade “mulher” e “homem” e a estabilidade e instabilidade dessas categorias? Conclui-se, por hora, que a partir das observações, foi possível perceber que ao corpo é dada alta importância, tanto pelos meninos quanto pelas meninas, pelo fato de procurar exibir/performar a compleição física. Neste contexto, o carro faz parte da performance da(s) pessoa(s); e pode-se dizer que o automóvel é uma extensão do corpo, principalmente do corpo conotado como masculino, pois comumente os meninos dirigem e as meninas vão de carona. Essas práticas convergem para a

reprodução das ordens de gênero, mas, por outro lado, fogem a algumas normas, como a modificação do carro. Portanto, essa investigação é de impacto para conhecer práticas performativas de gênero de jovens contemporâneas/os em Chapecó e, com isso, propiciar reflexões críticas à respeito das suas vivências nas condições variáveis (gênero, etnia, classe) a que estão dispostas/os as/os pessoas da pesquisa.

**Palavras chave:** Práticas juvenis. Gênero. Identidades.

## REFERÊNCIAS

- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- ORTNER, Sherry. *Uma atualização da teoria da prática*. In: **Reunião Brasileira de Antropologia** (2ª : Goiânia : 2006) Conferências e práticas antropológicas. Blumenau: Nova Letra, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Poder e projetos: reflexões sobre a agência*. In: **Reunião Brasileira de Antropologia** (2ª : Goiânia : 2006) Conferências e práticas antropológicas. Blumenau: Nova Letra, 2007.